

Paulo Franchetti

Estudos de Literatura  
Brasileira e Portuguesa

## SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> .....	7
1. As Aves que Aqui Gorjeiam: A Poesia Brasileira do Romantismo ao Simbolismo .....	9
2. O Sonho Brasileiro de Garrett .....	43
3. I-Juca Pirama .....	49
4. O Indianismo Romântico Revisitado: <i>Iracema</i> ou a Poética da Etimologia .....	75
5. A Novela Camiliana .....	87
6. História e Ficção Romanesca: Um Olhar sobre a Geração de 70 em Portugal .....	101
7. Oliveira Martins e o Brasil .....	113
8. <i>O Primo Basílio</i> .....	135
9. Um Patife Encantador? .....	159
10. <i>O Primo Basílio</i> e a Batalha do Realismo no Brasil .....	171
11. Etnia e Julgamento Literário: O Caso B. Lopes .....	193
12. Utopias Agrárias na Literatura Brasileira do Começo do Século XX .....	207
13. Um Certo Poeta Japonês .....	215
14. Wenceslau de Moraes e o Exotismo .....	219

15. Wenceslau de Moraes e o Haikai. . . . .	233
16. Guilherme de Almeida e a História do Haikai. . . . .	245
17. Pós-tudo: A Poesia Brasileira depois de João Cabral. . . . .	253
<i>Nota Bibliográfica</i> . . . . .	291

## APRESENTAÇÃO

Os textos que compõem este livro foram quase todos publicados anteriormente, em papel ou na internet. O mais antigo deles foi escrito há 20 anos. Alguns integravam volumes coletivos; outros foram publicados em revistas acadêmicas e suplementos de jornais de circulação variada. Há também os que ficaram, por alguma razão, inéditos ou foram estampados apenas em páginas de internet.

Procedendo de três núcleos de interesse de meu trabalho de pesquisa – a poesia brasileira, o romance oitocentista em português e o exotismo –, o que os estudos escolhidos para integrar este volume possuem em comum e faz deles um conjunto não é o tema, nem a cronologia dos assuntos, mas o fato de serem destinados a um público amplo e não necessariamente especializado.

Os estudos mais alentados, por exemplo, foram escritos ou tendo em vista um leitor estrangeiro, ou prevendo um leitor em formação. Os demais foram originalmente palestras, apresentação de livros e artigos destinados a revistas de circulação ampla ou páginas literárias de jornais.

Apenas uns poucos, dentre os aqui recolhidos, foram escritos para integrar publicações especializadas. Mas se foram incluídos neste volume é porque sua concepção e redação obedeceram ao mesmo princípio que animou os demais: buscar o equilíbrio entre a apresentação histórica, a análise rigorosa de uma obra ou problema literário e o balanço da melhor fortuna crítica, numa linguagem que evita o jargão acadêmico.

Ao reuni-los, evitei reescrevê-los, limitando-me a corrigir gralhas e a suprimir, em alguns poucos casos, pequenos trechos: ou para evitar redundân-

cia, já que o assunto seria mais bem desenvolvido em outro texto recolhido neste volume, ou porque a passagem suprimida dizia respeito exclusivamente ao contexto da primeira publicação.

Na seleção dos textos, contei com o apoio e a ajuda de Leila Guenther, que foi ainda quem me estimulou a empreender esta publicação. Fica, pois, registrada aqui, logo à entrada do livro que lhe deve tanto, a minha gratidão.

*Paulo Franchetti*

## AS AVES QUE AQUI GORJEIAM: A POESIA BRASILEIRA DO ROMANTISMO AO SIMBOLISMO

### *A Poesia Romântica*

Costuma-se datar de 1836 o surgimento do Romantismo no Brasil. Nesse ano, edita-se em Paris a revista *Nitheroy*, dirigida por Gonçalves de Magalhães (1811-1882), Torres Homem (1812-1876) e Araújo Porto-Alegre (1806-1879). No primeiro número, Magalhães publica um estudo intitulado “Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil”, considerado o manifesto romântico brasileiro. A idéia básica desse texto é a de que “cada povo tem a sua Literatura, como cada homem o seu caráter, cada árvore o seu fruto”. Mas, assim como as árvores admitiam enxertos, de forma a produzir duas ou mais espécies de frutos, assim também as literaturas incorporavam traços de outras culturas, gerando obras em que vigoram costumes e crenças que não eram mais os seus. Na tipologia de Magalhães tínhamos, então, ao lado de literaturas autóctones (cujo exemplo maior era a da Grécia), literaturas em que se identificavam, a par dos produtos da cultura nacional, conceitos e crenças derivadas de outras formações culturais. Era o caso das literaturas modernas européias, que, apesar de cristãs, ainda se valiam do aparato mitológico greco-latino. Finalmente, como terceira e última espécie, Magalhães afirma a existência de literaturas que, por se originarem de culturas compósitas, apresentam obras em que diferentes elementos culturais aparecem mesclados, integrados e inseparáveis. Para voltar à sua própria metáfora, tratar-se-ia não mais de enxertos, mas de cruzamento de espécies diversas. O exemplo, aqui, era a literatura espanhola medieval, em que se fundiam a cultura cristã e os restos da cultura árabe.

A partir desse quadro, Magalhães vai proceder a um panorama da produção literária no Brasil e tentar discernir a sua linha de evolução. De seu ponto de vista, a simples importação fora a tônica do primeiro período de história brasileira – que se estendera do início da colonização até a vinda de D. João VI, em 1808. Perdida a produção oral indígena, que ele afirmava copiosa, tudo o que teria havido até essa época era a transplantação de uma literatura que já continha ela mesma vasta importação de temas, formas e crenças. De 1808 em diante, dadas as condições culturais mais favoráveis – notadamente depois da independência política – viveria o Brasil um segundo momento: aquele em que o país ia tomando consciência de sua especificidade e se constituindo como nação. A argumentação de Magalhães caminha no sentido de rastrear através da história a ação do que ele denominou “instinto oculto”. Com essas palavras designava uma determinante da percepção da realidade que, informada pela natureza e pelas condições de vida nesta parte do mundo, acabaria por se sobrepor à força da tradição e da educação europeizante. A esse “instinto oculto” – que Machado de Assis, quarenta anos depois, glossaria como “instinto de nacionalidade” – caberia operar, ao longo dos anos, a transformação completa da musa européia e greco-latina em musa americana. Magalhães não é explícito quanto à situação da jovem literatura nacional no quadro tipológico que traçara. Mas, como em vez de “uma grega vestida à francesa, e à portuguesa, e climatizada no Brasil” queria “uma indígena civilizada”, podemos concluir que o seu ideal era a construção de uma literatura do terceiro tipo (do tipo composto), na qual o cristianismo se amalgamasse aos resíduos da cultura autóctone primitiva.

Do ponto de vista teórico, como se vê, o texto de Magalhães representa o momento da incorporação, por um literato brasileiro, do lugar-comum da época. Os europeus que por essa época se ocuparam de letras brasileiras – Almeida Garrett, Ferdinand Denis, Friedrich Bouterweck – já insistiam na conveniência ou necessidade de a nova literatura enfatizar a cor local, a temática e a ambientação americana. O que há de específico nesse texto inaugural é a forte identificação entre nacionalismo e antilusitanismo, que se desdobra na oposição clássico/romântico. Considerando Portugal o antigo opressor, Magalhães se esforça por demonstrar sua influência nociva em todos os estágios da constituição da cultura brasileira. Reprova-lhe a opção por colonizar o Brasil com criminosos degredados, por usar da mais extrema barbárie no trato com os indígenas e por impor a ignorância coletiva como instrumento de dominação. Finalmente, deplora o lusitanismo por ser a implantação na América de uma literatura eivada de enxertos clássicos e

atribui à pequena penetração do idioma português na Europa o desconhecimento da obra dos poucos porém significativos autores brasileiros. O Brasil, há algum tempo independente politicamente, começava também a tornar-se independente do formalismo neoclássico, com o qual identifica a cultura portuguesa, e caminhava para a “revolução” romântica. Dessas equações montadas sobre a oposição à antiga metrópole resulta outro traço notável do texto, que é a substituição de Portugal pela França como matriz e guia do desenvolvimento cultural da jovem nação americana: “Com a expiração do domínio português, desenvolveram-se as idéias. Hoje o Brasil é filho da civilização francesa”. Motivo que retoma em versos, nos *Suspiros Poéticos e Saudades*, publicados no mesmo ano:

Ó Brasil, [...] Donde te veio  
 A Ciência das Leis, a Medicina,  
 A Moral, os costumes que hoje ostentas? [...]  
     Responda a gratidão. – Avulta, ó França!  
     Marcha, prospera; e tu, Brasil, prospera;  
     Estes meus votos são, outros não tenho.  
 Um povo sempre é filho de outro povo;  
 Um homem sem cultura não avança;  
 Sem ensino os espíritos não brilham.

(Ao Deixar Paris)

O Brasil se tornara independente em 1822, mas para Magalhães só depois da abdicação de D. Pedro I (1831) parecia completar-se simbolicamente a constituição da nacionalidade política brasileira: “e a coroa, que cingia a fronte de um Príncipe Português, [...] cujo coração não palpitava de amor por sua Pátria adotiva, passou para o Jovem Imperador, que fora ao nascer pelas auras da América bafejado, e pelo sol dos trópicos aquecido”. Naquele momento, portanto, impunha-se ao literato o dever de criar uma literatura nacional, à altura da nação que emergia, distinta da metrópole. A geração de Magalhães, da qual ele foi o líder incontestado, esforçou-se por realizar a missão que sentia ser urgente. Mas, se do ponto de vista da agitação das idéias com eles começa de fato o romantismo brasileiro, do ponto de vista da realização poética nem ele nem o seu amigo e dedicado escudeiro Porto-Alegre foram poetas à altura da tarefa que se propunham. *Suspiros Poéticos e Saudades* tem muito pouco a oferecer além da tematização das mesmas questões melhor apresentadas no artigo da *Nitheroy*. Nem mesmo os indígenas, que Magalhães considerava os reais antepassados dos brasileiros e a quem dedi-